

### **O humano, o divino e suas associações.**

Uma das inquietações humana, que povoam mitos, lendas e que serviram aos fundamentos da fé, é a relação do homem com aquilo que está além de seus cinco sentidos, de sua lógica e, sobretudo, de seu controle.

Não obstante esta falta de controle, da não comprovação científica e da impossibilidade de ver, ouvir e tocar, temos esta percepção de que nem sempre o mundo age de um modo “normal”, esta, por assim dizer, presença intangível.

Cada religião faz sua abordagem do assunto e dá sua própria resposta.

Aqui, por meio das diferenças entre duas religiões, ou melhor, duas escolas do pensamento monoteísta “hebreu”, uma particularidade desta questão, com conseqüências teológicas, políticas e, porque não dizer, conseqüências ordinárias, será apresentada com o objetivo de refrear certezas e permitir novos questionamentos para estas duas correntes de pensamento.

Estes três textos não seguiram a regra do Átrio de contar com a riqueza de versículos. Esta ação deliberada decorre do reconhecimento da loucura em “explicar” a Palavra e escrever sobre este assunto. Se os versículos “não são suficientes”, porque suas referências seriam?

### **A Santidade de D’us**

Não temo afirmar que Israel, a Palavra e o judaísmo, incluindo suas correntes (do segundo templo em diante) nasceram da concepção e ou reconhecimento da unicidade de D’us.

O monoteísmo não é algo gratuito nem uma concepção simples.

Sem querer aprofundar o assunto, até por falta de capacidade e da instrução necessária, os seres humanos estabeleceram, à luz do sofrimento e da perplexidade humana frente à morte, uma relação com aquilo que estava fora do seu alcance, com as forças que pareciam controlar não só a natureza exterior mas também, e principalmente, a natureza interior, a loucura, as paixões, as inclinações.

Pela multiplicidade desta loucura, das intenções humanas e das ações sobre os elementos naturais, tais forças sempre foram igualmente múltiplas e estas forças receberam nomes.

E mesmo que uma hierarquia fosse estabelecida entre estas forças ou, agora, deuses, todos eram igualmente “caprichosos” com os homens.

Quando Abrão saiu do meio de sua parentela, por conversar com e em atendimento a um Ser além da sua compreensão, uma ruptura foi estabelecida com o sistema de forças que assediavam os homens. Este evento é, ou deveria ser, uma singularidade no imaginário ocidental.

Mas, mais que simplesmente crer em um D’us Único (bendito seja Seu Nome), o monoteísmo estabelece uma separação entre Este e os demais. Não saberia dizer se a crença em um Deus superior sobre todos os outros é uma “criação” original; em algumas passagens da Bíblia, outros povos não tiveram dificuldades em reconhecer esta superioridade, mesmo sem uma esperada conversão.

Mas o que torna o monoteísmo hebreu notadamente original é o conceito de separação (Santo) deste Deus. Uma separação tão profunda que faz dos outros deuses... Não-deuses.

Este é o conceito que irá marcar profundas diferenças entre os filhos de Avraham , Itzak e Yaakov das demais tribos do mundo e que ainda faz a diferença entre judeus e “cristãos” e todos os demais (o duplo “e” e as aspas decorrem de incertezas quanto ao monoteísmo cristão ao longo do tempo, ora aproximando-os dos primeiros, ora dos segundos).

A separação não apenas marca esta diferenciação, mas, sobretudo, vem para descortinar o abismo entre os atributos deste Ser Maior sobre os demais e, por fim, mostrar aos seres humanos a absoluta distinção entre os respectivos propósitos para com o homem.

Mas o ponto nestes textos não é falar sobre o divino, o ponto é sobre a “humanidade de seres espirituais” ou, se preferir, a “divindade dos homens”.

Praticamente todas as religiões falam nesta associação. Sem querer nominar crenças, alguns dos termos para esta associação são: encarnação, dominação, incorporação, possessão, filiação divina, etc.

Mesmo a religião judaica tem que admitir que o advento do messias davídico é também uma forma de associação.

Estas associações podem ser intermitentes e até de curta duração (em rituais, por um sacerdote ou algo semelhante); podem ser a partir de um determinado ponto (consagração, rito de passagem) ou podem ser “naturais” ou de direito de nascimento (atributo real).

Neste ponto, como já foi dito, há uma profunda divisão entre os judeus, sobretudo os que ignoram a possibilidade do Mashiach Ben Yossef, e os gentios.

A forma de encarar a divindade humana está, como pode ser inferida acima, intimamente ligada às questões políticas, pois o governo humano sempre foi, abertamente ou sutilmente, justificado espiritualmente.

Nações, reinos e tiranos são levantados com alguma crença (temos, para citar alguns exemplos, o destino manifesto, triunfo da vontade, o “deus salve a rainha”, Arahitogami, etc e de nosso lado, a fundação e resistência de Israel);

- Ações irracionais são creditadas ao sobrenatural;
- Líderes e povos algozes são “vitimizados” por seres celestiais;
- Registros históricos são amalgamados com lendas a fim de conferir primazias aos herdeiros ou ainda para ressaltar princípios, crenças e dogmas;

Enfim, as referências são muitas.

Quando um líder ou um povo torna-se indestrutível, é natural creditar-lhe algo sobre-humano. Também aqui são inúmeros os exemplos históricos e bíblicos.

Quando esta convicção não procede da Palavra de D’us o resultado é o orgulho, a vaidade, a megalomania e, não rara, a violência, próprio de seus deuses e seus intentos.

Nesta situação (fora da Palavra), os homens, a quem julgam ter esta associação, querem crer que um elemento extraordinário irá conferir, a eles, um destino diferente dos demais reles humanos. A imortalidade acaba se tornando uma crença insana, mesmo que dissimulada, confirmando o dito: “todo projeto (político) pessoal é destinado ao fracasso”.

Esta exacerbação da conveniência conduz tais homens a um fim que poderíamos chamar de patético, não fossem os memoriais de sangue que edificaram durante o rápido curso de suas estúpidas vidas.

Esta associação, entre o humano e o divino, é magistralmente ilustrada, não sem motivo, na Bíblia em diversas passagens, mas uma delas em particular utiliza este recurso lingüístico magistral. A narrativa, que começa endereçada a um líder, aos poucos vai migrando da descrição de atributos humanos para atributos notadamente não humanos.

Mas o que tudo isto significava aos monoteístas de Israel e mais particularmente aos Judeus e ao Judaísmo?

Sua visão revolucionária sobre o D'us Único capacitou os fieis a uma resistência estóica a líderes e povos “indestrutíveis”, e mesmo que fossem tomados por medos e mesmo que fossem subjugados, não cederam ao fatalismo. Ainda que fossem algemados e cativos de esperanças não se dobravam ao um deus vivo.

O que, portanto, diferenciava Judeus e gentios, era a visão de como se desenrolava a batalha no plano não humano.

Uma disputa humana, para Israel, era, desta forma, uma disputa entre o D'us Vivo e os deuses. Os homens ficavam em um segundo plano e não dependiam da relação de forças ou do comportamento entre si, mas sim entre os povos e seus respectivos deuses/D'us.

Esta separação do D'us vivo dos outros deuses levava a uma única lógica, com as seguintes conclusões, o D'us Único é soberano, não importa então as vontades dos deuses e, em segundo lugar, o D'us Único era (e é) o seu Deus, a única coisa que poderia opor a Soberania de D'us era a infidelidade do povo escolhido.

Aceitar a sujeição humana como sendo a vontade divina perfeita era, portanto, idolatria, a qual poderia ser evitada com o conhecimento e a prática da Palavra de D'us, e, para eles, isto era e é um exercício milenar, um aprendizado único, alcançado com lágrimas.

Para o gentio não era assim, não ter a simpatia de um rei era pura desgraça e desesperança. Era mais miséria em uma existência nula. Até para o não escravo, a vida, à luz de uma autoridade temperamental, deveria ser (e ainda é) extenuante.

Para este gentio, um homem poderia ser sim um deus, pois este em tudo determinaria a sua vida.

Esta situação do gentio será determinante para a aceitação do “cristianismo” ou, quero crer, na aceitação e salvação em Mashiach, que decorre não só da opressão física / moral, mas também pela renovação do pensamento por meio da liberdade espiritual que o monoteísmo oferecia mesmo antes da manifestação de Yeshua, por meio do proselitismo judaico.

Assim, para o gentio, era natural aceitar a divindade de Yeshua. Esta aceitação não era colocada em termos apostos, ou uma solução ou um problema, era, pelo contrário, uma solução e um problema.

Solução, pois não criava obstáculos ao entendimento de associação Homem-Deus, mas ao mesmo tempo era um problema, pois não considerava toda a dimensão do monoteísmo judeu. Era como entregar leite a uma criança em um fino cálice de cristal.

Esta era, arrisco dizer (ao menos como uma possibilidade), a angustia de certos judeus seguidores de Mashiach, que de uma maneira dita imprópria, sem plena consciência, procuravam judaizar ou “legalizar” o gentio, temendo que esta profundidade monoteísta fosse perdida, como de fato ocorreu, apenas poucos anos depois.

Quando os Pais da Igreja, esforçando-se no conhecimento da Torah, procuraram remediar a situação, já era tarde. Um profundo cisma ocorrera entre judeus messiânicos e gentios crentes, e tudo que estes Pais da Igreja conseguiram referente ao monoteísmo foi encontrar “soluções semânticas” para a “questão das Três Pessoas” (de um modo menos elegante, ainda chamaria de solução “à grega”, filosófica, poética ou teológica).

Estou certo que o entendimento monoteísta, no período do segundo templo, apresentava diferenças entre o judeu rabínico, o judeu messiânico e o gentio cristão.

E mais, este entendimento judeu messiânico histórico nunca teve a oportunidade de se cristalizar e ainda não foi recuperado pelo judeu messiânico atual ou pelo gentio “do Átrio” ou seja, o gentio não apostólico romano.

### **A Santidade do Filho do Homem**

Penso que não haveria qualquer prejuízo ao texto a omissão de minha crença no atributo divino de Mashiach Yeshua, mas fico constrangido frente à possibilidade de um falso entendimento de que estes textos diminuam a proposta messiânica para Yeshua.

Não, não creio em um deus histórico, não creio em um deus com começo, meio e fim, com um deus menino ou um deus morto (da acusação de deicídio, de maldita memória).

Creio em um Deus, que era, é e há de Ser. Eterno, de manifestações ilimitadas, de Poder ilimitado (voltaremos a este ponto no terceiro texto).

Também quero deixar claro que aceito todas as possíveis interpretações da Palavra, mas sem em nenhum momento deixar a primazia e o lastro da interpretação literal, uma vez que anular uma leitura literal é impor limites a D'us e não me dou o direito a esta insanidade.

Creio, sobretudo no que Yeshua disse de Si mesmo, e acautelo-me ao aceitar o que seus seguidores disseram sobre Ele.

Maravilho-me com o Yeshua histórico, com um Filho de Homem, que nasce, cresce, assume sua vocação e morre.

A possibilidade de negação de ocorrências sobrenaturais que são, para os cristãos, provas da divindade e da prevalência de Yeshua, não me trazem nenhum desconforto.

Em parte por um vislumbre a partir da admoestação de Paulo (rabi Shaul) sobre discussões genealógicas, que provavelmente era, a seu tempo, a justificativa contra ou a favor da legitimidade de Mashiach.

Onde Paulo sabiamente coloca a genealogia em termos remissivos à manifestação de Mashiach, seus feitos e, sobretudo, seus ditos.

Ou seja, há solução para o que a Palavra projetara como promessa messiânica, a partir da revelação de Mashiach (como exclamado por Kefas). Melhor do que o reconhecimento do Mashiach a partir de uma investigação genealógica ou ginecológica ou o que mais for.

Isto é real hoje para o judeu messiânico davídico. A questão só pode ser resolvida do mesmo modo que foi a de Mashiach Yeshua, ou seja, remissivamente, já que, como antes, é impossível a comprovação cartorial da ascendência real, da casa de David.

O que a negação da ocorrência sobrenatural consegue não é negar Yeshua como Mashiach, mas sim levar a uma nova compreensão sobre o que significa Mashiach.

A pergunta: como um homem, sem atributos sobrenaturais, pôde ter uma profunda compreensão sobre seu tempo, sobre a Palavra e sobre D'us?

Isto nos leva a uma conclusão, sem considerar se há outras, a de que a insistência dos cristão sobre seus atributos sobrenaturais é uma forma sutil de escapar da ira divina, ou seja, a de que nossa "natureza" pecaminosa nos torna inaptos a ter a mesma unidade com D'us que Yeshua teve e tem; que nossa humanidade não é e não pode ser a humanidade de Yeshua (ainda que seja louvável a intenção de colocá-Lo acima dos demais, pois afinal, Seu trabalho foi, é e será único).

O fato é que a humanidade de Yeshua aponta para a revelação de nosso pecado. Revela a profundidade de Seu conhecimento de D'us e da disposição de Yeshua de levar os homens a D'us, pois a Vontade de D'us é a comunhão com os homens, e talvez fosse isto que Yeshua disse por meio da recorrente comparação entre Ele e D'us e entre Ele e os Seus seguidores, presente no Livro chamado João (capítulos 14 a 17).

A humanidade de Mashiach Yeshua revela que há uma associação homem-divino, que esta associação é inevitável, que em algum momento no tempo do homem, uma associação terá obrigatoriamente que ocorrer, de forma definitiva, e que esta associação, que D'us tenha misericórdia de nós, pode se dar ou com D'us ou com os deuses.

Assim, Yeshua é o homem que revelou D'us entre os homens, não por ser (ou mesmo não ser) um D'us entre nós, mas por ser o Homem pelo qual a Vontade de D'us é manifesta, não tendo Ele outro querer senão que D'us e sua vontade fosse manifesta ao homem no Homem, não importando as conseqüências para o Homem.

A associação homem D'us se dá, claramente, pela obediência, onde a negação das inclinações humanas, ou dos assédios espirituais no homem, produz uma única coisa, a manifestação de D'us.

Assim o monoteísmo de Yeshua não é apenas retórico, mas real.

É esta realidade que manifesta a Divindade de Mashiach Yeshua. A de ser um homem sem ídolos. Um homem absolutamente humano, sem nenhuma interferência, dominação, possessão, influência ou inclinação sobrenatural de deuses que não são deuses (mas ainda assim, cômico destas possíveis realidades e, especialmente, da Santidade monoteísta).

Quando Yeshua diz, “não foi carne nem sangue, mas pelo Espírito”, e só o Espírito pode afirmar tal coisa, é porque a existência do ídolo nos homens não pode aceitar Aquele que anula a existência destes mesmos espíritos.

Quando Yeshua fala sobre a casa vazia, aponta para um estado instável de humanidade, um estado que não pode se sustentar, pois o homem não tem intenções de “per si”, ele não pode ser um homem sem associação.

Aqui temos uma nova divergência entre Judeus e Gentios crentes, contemporâneos ou não, com relação à divindade de Yeshua que levam a uma convergência na negação da Justiça do Filho do Homem.

Os Judeus ao não reconhecerem a divindade de Yeshua não se dão conta da conseqüência das decisões humanas de Yeshua.

Os gentios ao apoiarem a legitimidade de Yeshua exclusivamente (podem negar que fazem isto, mas é o que de fato fazem) nos feitos sobrenaturais, esvaziam os atributos humanos na santidade deste Homem.

Esvaziar Mashiach Yeshua de sua Glória, que por sinal é uma afirmação bíblica, não é algo contraproducente. É um exercício necessário para entender nossa responsabilidade humana frente à Santidade de D'us.

Esta dupla negação do Yeshua histórico ou diminuição da justiça do Filho do Homem, seja pelo Judeu, ao não reconhecer sua santidade, por incompreensão sobre a autoconsciência

messiânica de Yeshua, seja pelo crente, ao não reconhecer que, por meio de sua humanidade, assemelha-se a nós, acaba por esvaziar a ação de D'us no plano humano e assim diminuir a necessidade de conversão ao SEDER de D'us e a necessidade de uma persistente vida de arrependimento e auto-sacrifício.

Esta é a resistência humana contra Mashiach: o senso de autopreservação, sobretudo dos gentios, que passaram de perseguidos a perseguidores nos últimos mais de 18 séculos, antes mesmo do concílio de Nicéia, em uma fase de transição, quando ainda perseguidos já demonstravam hostilidade para os expatriados de Israel.

A mensagem e o entendimento de Mashiach ficam claros quando as soluções humanas caem por terra, quando as situações convergem para um ponto onde a ética e a sobrevivência são irreconciliáveis, como foi para Yeshua, preferindo a ética e a crucificação.

Quando as forças sobrenaturais e seus intentos levam o ser humano ao seu limite, descortinam o coração e exibem o que realmente habita em seu íntimo. Fazem com que o homem se defronte com seus deuses para, por fim, negá-los ou sucumbir diante destes.

E neste limite, e se perseverar, é que o homem terá respostas quanto à santidade de D'us, poderá separar o vil do precioso, entender o mistério do chamado abraâmico e assim ser ele mesmo chamado filho de Abraão.

Por fim, convém registrar algo sobre como a santidade de D'us e a Santidade do Filho do Homem se encontram em um momento muito especial para Judeus e Gentios, sem me ater à situação política, Mashiach Yeshua compreendeu a situação do Judaísmo e da humanidade como um todo, compreendia que a reconciliação entre o D'us Único e o homem exigia um sacrifício perfeito e... Humano.

A associação entre o sobrenatural e o Ser Humano, que angustiava os homens desde sempre, poderia ser estabelecido com Àquele que tinha intenções benignas se um Ser Humano Santo (e consciente) fosse entregue como expiação.

Aqui temos uma ação consciente, que busca uma reconciliação do natural com o sobrenatural sem que nenhum destes sejam anulados, ou utilizando uma figura cristã, 100% Homem, 100% Deus.

### **O selo ou o ídolo**

Um dos grandes méritos do judaísmo é sua capacidade de se opor à limitação de D'us. Eles empregam termos imprecisos e amplos para referenciá-Lo: Eterno, imensurável, insuportável de se ver ou ouvir, Todo Poderoso, enfim... Só é possível concebê-lo indiretamente.

Possuem uma permanente preocupação em preservar Sua Santidade e Seus Atributos.

Toda vez que procuramos conceber Deus, de representá-lo, até mesmo defendê-lo, como um advogado, estamos fadados a limitá-Lo e assim erigir um ídolo que não serve ao Seu propósito.

Esta resistência a aceitação de um Deus Humano é justa e necessária e deve ser também a nossa preocupação.

Esta é a questão para gentios, a de serem monoteístas “históricos” e “estóicos”, preocupados com qualquer redução da Santidade e Unidade de D'us, de saberem que este monoteísmo é construído com perseverança e sacrifício, pois a mensagem de Mashiach é a de resistência a deuses por meio da cruz, cruz que representa o peso de uma vida real. Por real, entender uma vida sem ilusões ou fantasias, pois estes são artifícios do engano dos ídolos.

Para os judeus, caberá outra questão: que é possível negar o que os cristãos pensam sobre Yeshua, mas que há sabedoria na cautela quanto a negar o que Yeshua disse de si mesmo, pois o que Yeshua disse de Si não é, necessariamente, o que os cristão dizem dEle.

É sábio permitir aceitar que as razões da negativa de ontem não são necessariamente as mesmas de hoje. Que as críticas de ontem não têm as mesmas motivações de hoje, mesmo que os argumentos sejam os mesmos. Não há uma constância de pensamento, porque simplesmente nosso tempo não é o tempo do segundo templo, entre estes dois tempos, muitas e estranhas coisas (e pensamentos) ocorreram.

Por fim, permitir o estudo de Yeshua sem pré-concepções, que a obra de Mashiach Yeshua pode ser uma obra do Eterno e que é sim judaica, ainda que não rabínica.

Incertezas humanas não são provas contra certezas eternas, conviver com incertezas não anula a fé nem são fraquezas humanas.

Lidar com esta Unidade (ECHAD) não é uma tarefa vulgar; ter dogmas e certezas não é prova de amor. Fé, esta sim, é a prova de amor para com D'us.

E qual a diferença entre dogmas e a fé?

Fé é confiar na Palavra mesmo que nada pareça confirmar Seu cumprimento. É saber que a intenção de D'us para com o homem é boa, mesmo que uma fornalha esteja sendo preparada para nós.

Dogma é uma redução da Palavra para que nossa razão sintasse confortável com a ordem estabelecida pelo mundo, a fim de permitir um falso controle de nossas vidas.

São duas abordagens para as duas opções abertas ao homem.